

4. A inserção do assistente social no mercado de trabalho em Manaus/AM

No contexto da análise histórica e da atual conjuntura do mundo do trabalho, cabe aqui iniciar uma reflexão sobre a inserção dos assistentes sociais no mercado de trabalho atual, tomando como exemplo o caso da cidade de Manaus/AM, pelas razões expostas nos capítulos anteriores.

Desde a época da criação da primeira escola de Serviço Social em Manaus/AM, na década de 1940, não temos percebido tantos assistentes sociais formados, em busca de inserção no mercado profissional de trabalho, como nos dias atuais.

As mudanças no mundo do trabalho, já abordadas neste estudo, me levam a analisar tais mudanças a partir do foco das exigências do mercado de trabalho no tocante à qualificação profissional como exigência para a competitividade. Neste cenário, fica visível a política educacional neoliberal, propiciando abertura de instituições de ensino privadas, fazendo emergir novos cursos, principalmente que visem atender aos constantes avanços tecnológicos, na gestão da qualidade e nas carreiras informacionais.

4.1. O mercado de trabalho para o assistente social em Manaus/AM - desafios para a inserção de egressos

Neste contexto, amplia-se em Manaus o quantitativo de Instituições de Ensino Superior - IES que oferecem o curso de Serviço Social. Atualmente o município possui 09 (nove) Instituições de Ensino Superior presencial e 02 (dois) cursos à distância. Dentre essas instituições apenas uma é pública e as demais são de caráter privado. Anualmente, cerca de 400⁴⁵ novos profissionais são lançados no mercado de trabalho da cidade.

⁴⁵ Este quantitativo refere-se ao montante de todas as IES de Manaus, conforme informado pelo CRESS/AM em consulta via e-mail, realizada no dia 4 de janeiro de 2010.

Segundo informação do Conselho Regional de Serviço Social do Amazonas/Roraima – CRESS-AM/RR, a IES que mais forma assistentes sociais em Manaus é o Centro Universitário do Norte – Uninorte. Porém, como ainda não se tem informação sólida sobre o percentual de participação dos egressos no mercado de trabalho local, sendo este um dos objetivos principais deste estudo, foi necessária uma coleta de dados junto à instituição estudada e aos próprios egressos, no sentido de conhecer a realidade de inserção profissional destes assistentes sociais no mercado de trabalho local.

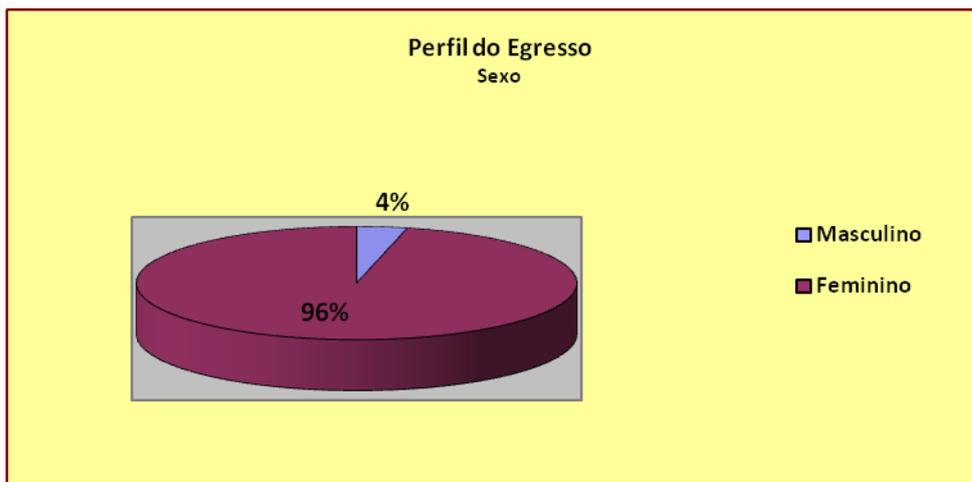
No ano de 2008, o Uninorte formou 366 discentes do curso de Serviço Social, ou seja, somente desta IES foram disponibilizados para o mercado de trabalho 366 assistentes sociais. Com este quantitativo e com a precariedade do mundo do trabalho vivida na atualidade, procurei investigar como se dá a inserção destes profissionais no mercado.

A investigação com os egressos do ano de 2008 justifica-se pelo início de minha atuação como docente do curso de Serviço Social na referida IES, especificamente neste ano. Ressalto que a população pesquisada deveria ser de 10%, ou seja, um quantitativo de 36 egressos para a aplicação de questionário. Dos 366 egressos, fiz uma pré-seleção, através de breve contato telefônico e e-mail, para analisar a viabilidade da realização da pesquisa. Dos 10% selecionados, ou seja, dos 36 egressos selecionados somente 27 egressos responderam o questionário. Os questionários foram respondidos por email, via telefone e também pessoalmente, neste caso com os egressos selecionados que fazem pós-graduação no Uninorte.

Outro instrumento que me propiciou dados para este estudo foi uma pesquisa documental no banco de dados da Instituição, através do Questionário Egressos – Resultado Individual 2008. Tal documento é parte de uma pesquisa realizada pela Coordenação Geral de Estágio do Uninorte – Laureate, com egressos de todos os cursos. Do curso de Serviço Social, o total de egressos pesquisados pela Instituição foi de 65. Porém, 50% destes egressos não responderam a pesquisa, restando um quantitativo final de 32 egressos que embasaram a pesquisa documental. Ressalto que a pesquisa documental foi um suporte fundamental para definir e complementar a pesquisa de campo e obter os dados que serão analisados na sequência.

Na pesquisa de campo, realizada no período de agosto a outubro do ano de 2010, com 27 (vinte e sete) egressos do curso de Serviço Social do Uninorte, podemos identificar o perfil dos assistentes sociais formados por esta IES. Os gráficos apresentados a seguir retratam o perfil destes egressos.

Gráfico 1 - Perfil do Egresso: Sexo



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

Com base nos dados coletados, ainda se percebe a predominância do sexo feminino na profissão. Dos 27 (vinte e sete) egressos, apenas 01 (um) é do sexo masculino.

Para complementar tal estudo, penso ser de interesse trazer dados da pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Serviço Social – CFESS⁴⁶, onde os dados referentes ao ano de 2004 demonstram que o perfil dos assistentes sociais é predominantemente feminino, tanto no nível nacional como no nível regional. Segundo a referida pesquisa, realizada em todas as regiões do País, apenas 3% dos assistentes sociais são do sexo masculino.

No Amazonas, especificamente em Manaus, recorro a Costa (1995), para uma tentativa de entendimento desta situação. De acordo com este autor e com base nos

Registros no Livro de Matrícula de Alunos, da Escola de Serviço Social de Manaus, de 1941 a 1971, 138 homens cursaram Serviço Social, contra 836 mulheres, no mesmo período. Desse total, só consta o registro de 28 Trabalhos de Conclusão de Curso (Costa, 1995, p.103).

Vale ressaltar que no período citado pelo autor e através dos dados analisados pelo mesmo, não havia obrigatoriedade da entrega do TCC à época. Os achados da pesquisa de Costa nos levam a refletir se havia ou não algum tipo de discriminação de gênero no âmbito da profissão. Novamente, com base na pesquisa elaborada por Costa (1995), constata-se que

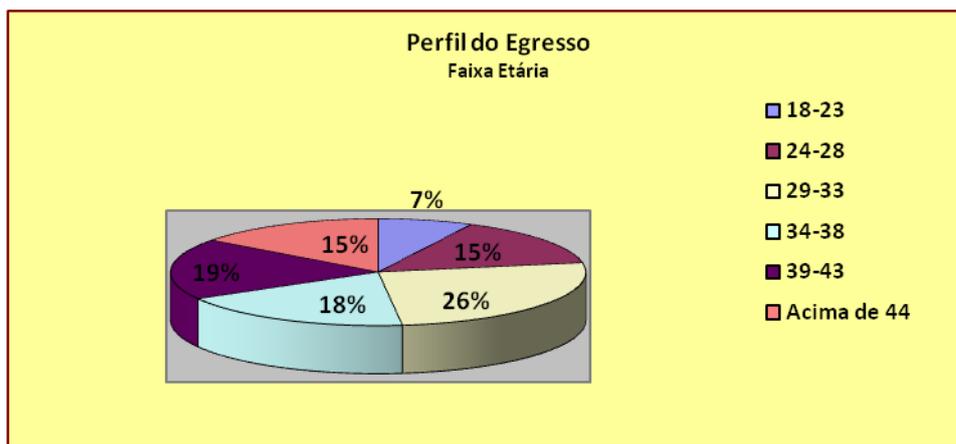
⁴⁶ Assistentes Sociais no Brasil: elementos para o estudo do perfil profissional. Pesquisa organizada pelo Conselho Federal de Serviço Social; Brasília: CFESS, 2005.

na opinião dos assistentes entrevistados, Manaus não é uma cidade machista, mas já foi. O desaparecimento do machismo é consequência da própria evolução da sociedade e das conquistas femininas. Hoje, garantem os entrevistados, Manaus é uma cidade que oferece oportunidades iguais para homens e mulheres, em vários campos profissionais (Costa, 1995, p.104).

Fazendo uma analogia com a atualidade, o que fica mais evidente no quesito sexo, quando da elaboração do perfil dos egressos, é que há indícios que os homens buscam uma profissão mais vantajosa financeiramente, que os valorize e propiciem status social e profissional, o que também é possível perceber na pesquisa de Costa (1995)⁴⁷.

No item faixa etária, de acordo com os resultados obtidos na pesquisa de campo com os egressos do Uninorte, em Manaus/AM, dos vinte e sete egressos, dois encontram-se na faixa etária entre os 18 a 23 anos e apenas quatro estão com idade acima de 43 anos. Os outros percentuais se dividem nas idades acima de 24 até os 43 anos de idade. O grupo de egressos recentemente formados é constituído por assistentes sociais em faixa etária situada entre jovens e adultos (24-38 anos), como podemos evidenciar nesta pesquisa, com os dados do Gráfico 2.

Gráfico 2 - Perfil do Egresso: Faixa Etária



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

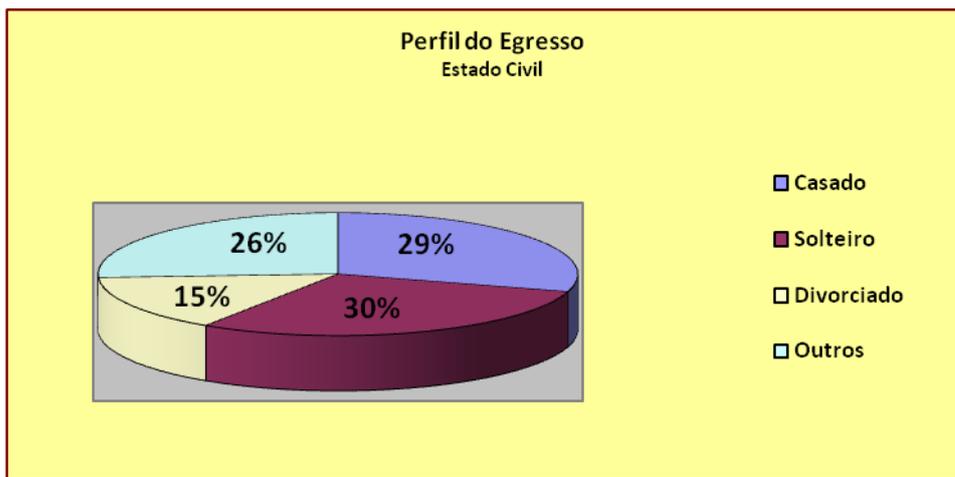
Tal resultado se encontra também em conformidade com os dados da pesquisa do CFESS, onde prevalecem as idades entre 35 a 44 anos com 38% e as idades entre 25 a 34 anos com 30%, perfazendo um total acima de

⁴⁷ O caminho não percorrido: a trajetória dos assistentes sociais masculinos em Manaus. No livro, o autor relata a pesquisa realizada com os assistentes sociais em Manaus.

50% da população nacional de assistentes sociais entre jovens e adultos. As demais ficam com percentuais abaixo de 20%.

No quesito estado civil temos a seguinte situação:

Gráfico 3 - Perfil do Egresso: Estado Civil



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

Pode-se dizer que, observando o gráfico 3, temos uma população equilibrada entre os profissionais que vivem acompanhados e não acompanhados. Desta população, 08 (oito) egressos declaram estado civil de casado e 07 (sete) declaram como “Outros” seu estado civil. Ou seja, podemos afirmar que um pouco mais da metade desta população (55%) vive com companheiros e o restante (45%) localiza-se entre os solteiros e divorciados, tendo em vista que nenhum sinalizou a viuvez como opção.

Em comparação com os dados do CFESS, o resultado aponta um percentual também equilibrado entre os assistentes sociais casados e solteiros, onde 53% dos profissionais em nível nacional são casados e 47% são solteiros.

Na reflexão acerca das mudanças no mundo do trabalho e da história do Serviço Social, parece interessante repensar a profissão frente a estas mudanças no mercado de trabalho atual, utilizando a abordagem de Serra (2000), sobre o Serviço Social:

Concebo a profissão inscrita da divisão sociotécnica do trabalho como uma especialização na esfera da reprodução social, cujo produto social é a prestação de trabalho e o assistente social trabalhador com uma valorização determinada (Serra, 2000, p.21).

Parece claro, não somente nesta concepção, mas em todos os embasamentos teóricos aqui adotados, que o Serviço Social é um trabalho especializado. Assim, considerando o Serviço Social como uma profissão inserida na divisão sociotécnica do trabalho, o mesmo se encontra vinculado ao mundo do trabalho e suas mutações. Estando sujeito, portanto, a mesma precariedade que a grande maioria da classe que vive do trabalho, na atualidade, se encontra.

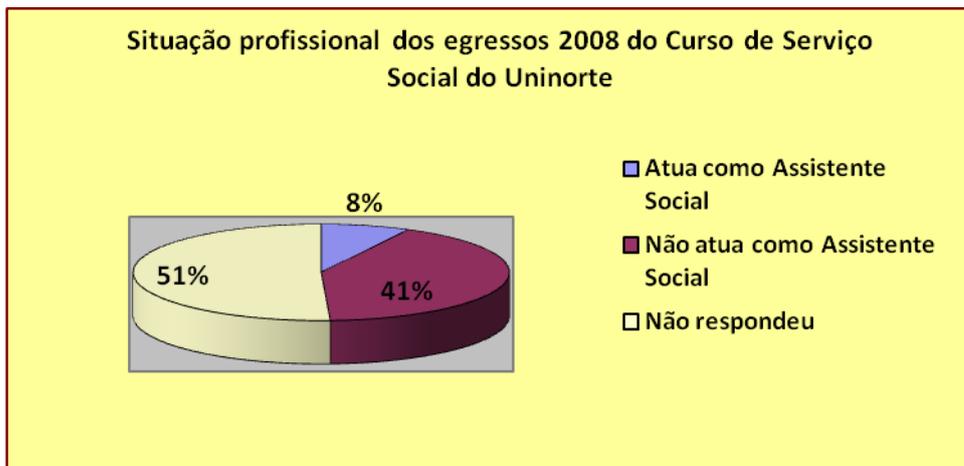
Cabe neste contexto, me reportar aos dados apresentados pela pesquisa de campo com egressos do ano de 2008 assim como também pela pesquisa documental obtida na própria IES, no CFESS e no CRESS/AM, para embasamento da reflexão sobre os impactos das mudanças do mundo do trabalho para o mercado de trabalho do assistente social, especificamente aqui me dirigindo ao mercado de trabalho profissional em Manaus/AM.

Início a análise me reportando a uma pesquisa realizada com egressos do Uninorte. Esta pesquisa foi realizada pela própria IES com os egressos de todos os cursos oferecidos pelo Uninorte, no ano de 2009⁴⁸.

Assim, temos os seguintes resultados quanto a situação profissional dos egressos do ano de 2008:

⁴⁸Tais dados foram extraídos de uma pesquisa realizada pela Coordenação Geral de Estágio do Centro Universitário do Norte – Uninorte, no ano de 2009, com egressos da instituição desde o ano de 2005. Com os dados já documentados pela instituição, coletei as informações referentes aos egressos do curso do Serviço Social do ano de 2008.

Gráfico 4 - Situação profissional dos egressos de 2008 do Curso de Serviço Social do Uninorte

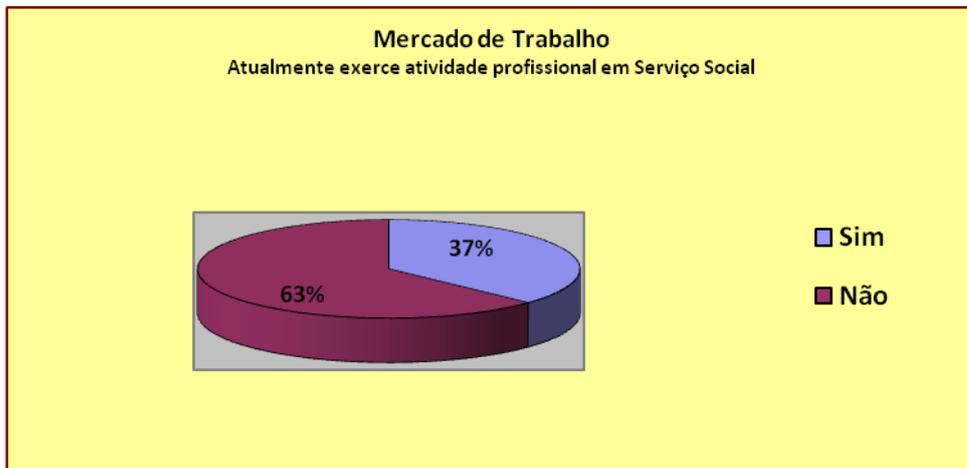


Fonte: 2008 O QA – Questionário Egressos - Resultado Individual.
Data 21/07/2009 – Centro Universitário do Norte – Uninorte.

O resultado demonstra que dos 65 egressos pesquisados, um percentual de 50% não respondeu o questionário enviado. Assim, considerando as respostas dos 32 egressos que responderam ao questionário, constata-se que a grande maioria encontra-se fora do mercado de trabalho como assistentes sociais. Deste quantitativo, somente 05 (cinco) assistentes sociais graduados no ano de 2008, o que corresponde a 8%, conseguiram inserção no mercado de trabalho em Manaus/AM como assistentes sociais. Tal resultado denota que há desigualdade de absorção destes profissionais no mercado local, pois a maioria não atua como assistente social.

Para a continuidade da investigação sobre a situação profissional dos egressos, novamente me reporto à pesquisa de campo, realizada no período de agosto a outubro de 2010, com os egressos que não participaram da pesquisa documental, onde busquei identificar os assistentes sociais egressos que estão atuando como profissionais de Serviço Social no mercado de trabalho em Manaus/AM. O resultado está representado no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Mercado de Trabalho – atualmente exerce atividade profissional em Serviço Social



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

Novamente a maioria dos pesquisados declarou não inserção no mercado profissional de trabalho como assistente social. Unificando os dados das duas pesquisas obtém-se um percentual de 63% de egressos não inseridos no mercado de trabalho em Manaus, o equivalente a 17 ex-alunos, em relação a 37% dos assistentes sociais egressos do Uninorte que conseguiram oportunidade no mercado profissional local. Ou seja, 10 destes egressos estão atuando como assistentes sociais no mercado de trabalho em Manaus/AM.

Segundo os dados da pesquisa elaborada pelo CFESS (2004), da população pesquisada, a Região Norte apresenta um índice de 14,06% para os assistentes sociais não inseridos no mercado de trabalho, um percentual de 65,63% para os profissionais que possuem apenas um vínculo empregatício e para os profissionais que possuem dois vínculos foi obtido um resultado de 20,31%. De acordo com o referido estudo, na Região Norte encontram-se os profissionais que “menos se deslocam para outra cidade para trabalhar (7,27%)” (p. 9).

Tais resultados me levaram a refletir sobre as razões para o cenário que se apresenta. No Brasil, as mudanças no mundo do trabalho advindas com a reestruturação produtiva e a Reforma do Estado, que implicou em sua minimização, causou, nos termos de Serra (2000), uma crise na materialidade do Serviço Social.

A materialidade, segundo a autora, é entendida “como a base concreta da institucionalidade da ação do Serviço Social no Estado” Serra (2000: 20). Para Serra, esta materialidade reporta-se somente à inserção do assistente social em seu campo de trabalho figurada pelo Estado.

Entende-se que, pelo fato de o Estado ser o tradicional e maior campo de atuação e inserção de assistentes sociais, o referido estudo empreendido por Serra focou e centralizou suas reflexões nesta esfera.

Para o estudo que aqui se apresenta, parte-se do pressuposto que o mercado de trabalho para os assistentes sociais, em Manaus, também sofre os impactos de tais mudanças, pois mesmo nos setores públicos, tradicionais empregadores dos assistentes sociais no Brasil, também se percebe uma crescente redução nos postos de trabalho. Porém, os assistentes sociais que trabalham nas empresas do pólo industrial de Manaus também estão sujeitos às mesmas (ou semelhantes) condições dos demais trabalhadores. É o que se depreende da citação abaixo, extraída de um estudo sobre o processo produtivo da indústria eletroeletrônica e a qualificação dos trabalhadores do pólo industrial de Manaus:

As montadoras estão promovendo, além da diminuição de seu quadro de trabalhadores, por meio de eliminação de setores/departamentos (a exemplo dos departamentos de serviço social) a redução nos níveis hierárquicos, além da forma de contratação precária de mão-de-obra, com o uso da terceirização em todas as áreas do processo produtivo (...). (Oliveira, 2004, p.112).

Conforme já abordado no decorrer deste estudo, não se pode negar os impactos negativos trazidos pelas mutações no mundo do trabalho para o mercado profissional dos assistentes sociais em Manaus.

Porém, é interessante observar que, todos os egressos⁴⁹ que responderam que não atuam como assistentes sociais estão inseridos no mercado de trabalho, mas em outras áreas. Observando as respostas dos questionários, é possível extrair alguns trechos nos quais os egressos justificam sua não atuação profissional. Na pesquisa documental ficou claro que um dos fatores que influencia o trabalhador na atualidade, e aqui não me reporto somente aos assistentes sociais, mas a todas as especialidades, é o fator da estabilidade/instabilidade.

⁴⁹ Reporto-me aqui a pesquisa documental feita no Uninorte e não à pesquisa que realizei “em campo”.

É perceptível nas respostas analisadas que alguns egressos preferem permanecer nos empregos que tinham antes da formatura do que sair para outra função “sem segurança”:

Não atuo na área, pois vivo um bom momento na empresa onde trabalho. Só pretendo sair de lá quando tiver uma estabilidade que só um concurso público poderá me dar. Por enquanto, vou continuar estudando, vou fazer pós-graduação e continuar me atualizando (Egressa A1, Pesquisa Uninorte, 2009).

Na verdade, além dos empregos já fixos, a maioria pensa mesmo é em concurso público. Por outro lado, dentre esses egressos alguns já são concursados e não pensam em deixar sua função para uma inserção com contrato de trabalho sem estabilidade ou precário, onde os direitos sociais e trabalhistas estão sendo solapados a cada dia, ao sabor das mudanças em curso no mundo do trabalho.

Dos egressos que declararam falta de oportunidade no mercado, 02 (dois) me chamaram a atenção, pois informam que apesar de não serem contratados como assistentes sociais, atuam como tal, refletindo que, infelizmente, a profissão e os profissionais vêm se colocando em uma posição secundária no mundo do trabalho atual, em vista das dificuldades de inserção encontradas.

Faço aqui uma articulação entre a pesquisa documental e a de campo para reforçar tal análise, pois, conforme as declarações dos egressos, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho advém de diversos fatores tais como “*Apesar de ter apenas dois anos de formação, a maior dificuldade no mercado profissional é o reconhecimento do profissional* (Egresso A, Pesquisa de campo, 2010).

Estes depoimentos, analisados em conjunto, nos levam a refletir sobre uma possível falta de comprometimento do profissional e com o profissional no mercado de trabalho. Tal situação me leva a pensar que os assistentes sociais hoje perderam, ou estão perdendo, a sua identidade profissional. Talvez em decorrência das mudanças no mundo do trabalho, que deixam rastro de insegurança para todos os trabalhadores, inclusive para os assistentes sociais.

O trabalho para estes profissionais se perde em sua operacionalização, sem tempo para uma maior criticidade da realidade não se permitem ou não lhes é permitido inovar. Alguns ainda pensam e vivenciam uma atuação que, quando não messiânica, chega a ser fatalista, longe de ser

um profissional propositivo, que invista em seu campo de atuação. Ao responder a pergunta sobre a maior dificuldade para ingresso no mercado profissional de trabalho em Manaus/Am, o egresso afirma que:

A falta de oportunidade, onde muitas vezes o profissional da área é substituído por outros profissionais. E também pela falta de atualização muitos ficam alienados e não conseguem se inserir no mercado de trabalho (Egresso E, Pesquisa de campo, 2010).

Com base nas respostas dadas pelos egressos, na pesquisa realizada para este estudo em 2010, há indicações de que a saturação do mercado de trabalho profissional, ou seja, a não existência de vagas para a contratação de mais profissionais, é um fator que também causa a não inserção do assistente social no mercado de trabalho: *a profissão está saturada, a cada dia é mais difícil entrar no mercado e quando se consegue uma oportunidade, às vezes é preciso caminhar “conforme as regras” da instituição* (Egresso G, Pesquisa de campo, 2010).

Analisando este depoimento, penso que a saturação do mercado leva o profissional de Serviço Social a atender burocrática e rigidamente às demandas que lhes são apresentadas, ou seja, a sua prática profissional fica restrita à prática institucionalizada, para não perder seu emprego.

Ainda refletindo sobre a percepção dos egressos acerca das mudanças no mundo do trabalho e a inserção dos assistentes sociais no mercado de trabalho, trago aqui a continuidade do depoimento do Egresso G, onde o mesmo afirma que

Acredito ser a falta de experiência que deveria acontecer ainda na faculdade e não ocorre. Falando sobre as mudanças percebidas no mercado de trabalho, primeiro é preciso que as oportunidades apareçam dentro da instituição de ensino quando o estudante de serviço social possa se aprofundar e se qualificar num ramo da profissão em estágios, o qual deveria ser disponibilizado não somente no semestre próximo à conclusão, mas nos primeiros períodos. Segundo, acredito que a classe profissional deveria ser mais unida no fundamento do exercício profissional e, por último, procurar se qualificar mais, se aprofundar na profissão. Acredito que assim poderíamos mudar alguns aspectos negativos (Egresso G, Pesquisa de campo, 2010).

Tendo por base este depoimento, fiz um breve exame sobre o processo de formação, especificamente sobre a inserção do discente em campo de estágio, uma fase de fundamental importância para o futuro profissional de Serviço Social.

Lewgoy (2009) realiza uma reflexão interessante acerca do processo de formação do assistente social no contexto atual, onde a demanda para o profissional é de um trabalho na esfera executiva e na formulação de políticas públicas e na gestão de políticas sociais. Nesse âmbito, o importante é focar na formação do assistente social em relação às requisições básicas para o exercício profissional, tais como saber criticar, propor, criar, atualizar-se, saber transmitir e ter sensibilidade para escutar e trabalhar com o outro.

O estágio supervisionado é uma atividade curricular obrigatória que começa com a inserção do discente no espaço socioinstitucional, com o objetivo de capacitá-lo para o trabalho profissional, pressupondo sempre uma supervisão sistemática, feita obrigatoriamente pelo docente orientador e pelo profissional de campo.

De acordo com a proposta de Lewgoy (2009), tal atividade deve ser realizada por meio da “ação-reflexão-ação”, de um acompanhamento e de uma sistematização com base em planos de estágio, sempre elaborados em conjunto com a IES e a instituição campo de estágio, tendo como referência a Lei 8662/93 (Lei de Regulamentação da Profissão) e o Código de Ética Profissional.

Sendo assim, a inserção no campo de estágio deverá proporcionar um exercício de reflexão contínuo e sistemático sobre a prática profissional, bem como o treinamento para uma postura propositiva diante dos desafios encontrados no mercado de trabalho.

No contexto dos impactos que vêm alterando as condições de trabalho, tanto na esfera pública como na esfera privada, percebe-se que o sistema educacional não é poupado pela lógica mercantil⁵⁰. Para a profissão de assistente social, este processo resulta em grandes desafios, iniciados já no processo de formação dos profissionais, pois

Emerge daí uma outra diretriz, traduzida na necessidade de articular formação profissional e mercado de trabalho. Essa não se confunde com a mera adequação da formação às exigências do mercado (...) subordinando a formação universitária à dinâmica reguladora do mercado (Iamamoto, 2007, p.171).

Uma das condições básicas fundamentais para se adequar a formação profissional à dinâmica social atual é, conforme Iamamoto (2007),

⁵⁰ Formação do assistente social no Brasil e a consolidação do projeto ético-político. Revista Serviço Social e Sociedade n° 79: Texto elaborado por professoras membros da diretoria da ABEPSS, no ano 2004.

implodir uma visão endógena do Serviço Social e da vida universitária, prisioneira em seus muros internos.

Ou seja, as exigências colocadas não somente ao exercício, mas, principalmente, ao processo de formação profissional na atualidade requerem o entendimento do Serviço Social como especialização do trabalho e do seu significado social vinculado ao surgimento da questão social.

O significado social da profissão, hoje, deve ser apreendido no contexto de novas e constantes mudanças, que requer um acompanhamento do processo histórico assim como uma capacitação teórico-metodológica por parte dos profissionais, que os possibilitem fazer uma leitura crítica da profissão, sobre o seu fazer profissional historicamente construído⁵¹.

Diante do exposto, e sendo as múltiplas expressões da questão social o centro do processo da formação profissional do assistente social, o profissional de Serviço Social deve buscar requalificar suas respostas para enfrentar a questão social e suas múltiplas expressões, reconfiguradas pelas mudanças societárias da atualidade.

Faz-se necessário perceber a formação profissional em Serviço Social como parte de uma dinâmica constante⁵². Exemplo dessa dinâmica são os diversos cursos de especialização e extensão em Serviço Social. A formação profissional, assim, não se encerra na conclusão do curso de graduação. Pelo contrário, o curso de formação é apenas o início desse processo⁵³.

O depoimento de outro egresso reforça estes dizeres onde segundo a mesma: *Me sinto preparada dentro da área, pois tive uma experiência tanto teórica como prática, dentro do campo de estágio e hoje no profissional*" (Egressa S, Pesquisa de campo, 2010).

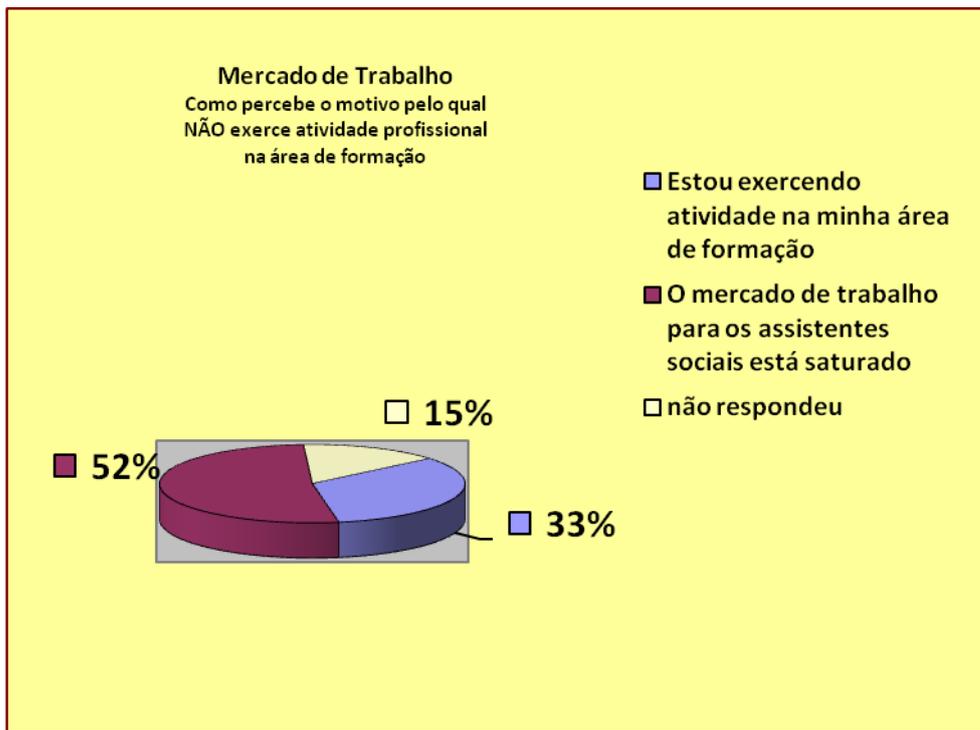
No âmbito das mudanças do mundo do trabalho e de seus impactos para o mercado de trabalho do assistente social, pude observar, através da pesquisa de campo, como os egressos percebem este problema, o que demonstro através do gráfico 6:

⁵¹ O fazer profissional do assistente social é definido como atividade, ou o próprio trabalho fazendo parte de determinado processo de trabalho, historicamente construído e socialmente determinado pelo jogo de forças que articulam uma dada totalidade social (NICOLAU, 2007, p. 85).

⁵² A formação profissional é um processo permanente de qualificação e atualização, porque exige deciframento cotidiano dessa realidade social (LEWGOY, 2009, p.42).

⁵³ Segundo as Diretrizes Curriculares da ABEPSS, "a formação profissional expressa uma concepção de ensino e aprendizagem calcada na dinâmica da vida social, o que estabelece os parâmetros para a inserção profissional na realidade sócio-institucional" (ABEPSS, 1996, p. 10).

Gráfico 6 - Mercado de Trabalho – Como percebe o motivo pelo qual Não exerce atividade profissional na área de formação



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

Na pesquisa de campo com os 27 (vinte e sete) egressos, ao perguntar sobre a sua percepção acerca do motivo pelo qual não exercem atividade profissional na sua área de formação, obteve um percentual de 33% correspondente aos egressos que atuam como assistentes sociais. Deste montante, 52% declaram ser a saturação do mercado profissional a causa da não inserção no mercado local.

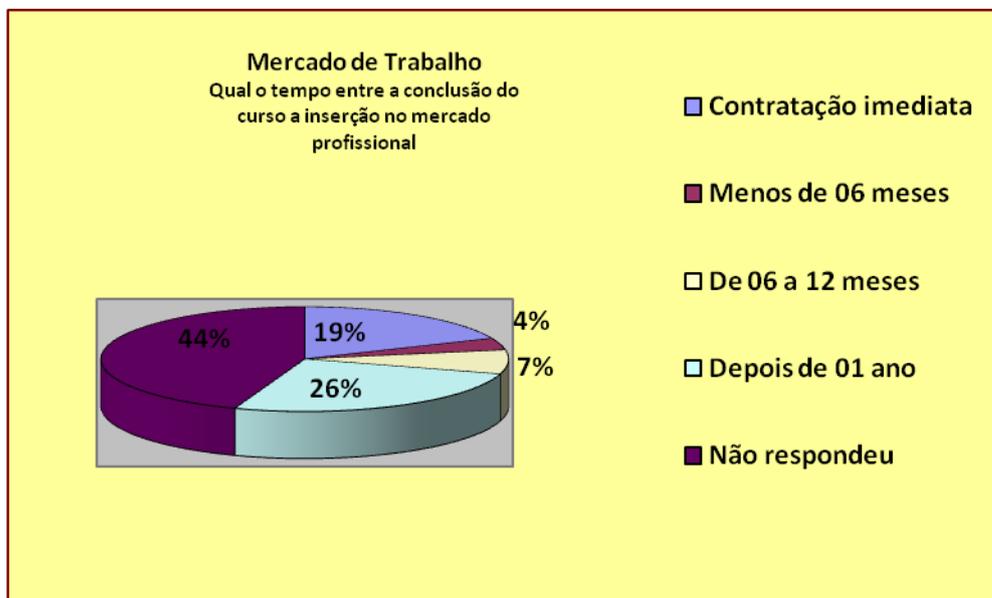
Na resposta do Egresso C, é notável a relação existente com os números de discentes do curso de Serviço Social local e a precariedade do mundo do trabalho: *A demanda ocorrida nos últimos tempos nos leva a acreditar na saturação do mercado* (Egresso C, Pesquisa de campo, 2010).

Além da grande demanda e da saturação do mercado, vale ressaltar que o fator qualificação é um item primordial e de sobrevivência para o mercado globalizado e flexível da atualidade. Este aspecto está presente na resposta do Egresso U, quando afirma *Vejo a necessidade de se preparar ainda mais, atualmente é necessário ter algo a mais, é o que vai fazer a diferença, estou terminando a especialização e já penso no mestrado* (Egresso U, Pesquisa de campo, 2010).

Mesmo não atuando como assistente social, este profissional conhece as exigências do mercado de trabalho e está em busca de sua qualificação para “aproveitar as oportunidades” que possam surgir. Outro egresso participante da pesquisa possui a mesma preocupação, manifesta ao declarar: *O mercado de trabalho hoje está admitindo apenas pessoas com um grau bastante elevado de estudos e qualificação* (Egresso S, Pesquisa de campo, 2010).

A relação do tempo entre a conclusão do curso e a inserção no mercado profissional de trabalho é outro item abordado nesta pesquisa e que está demonstrado no gráfico 7, a seguir:

Gráfico 7 - Mercado de Trabalho – Qual o tempo entre a conclusão do curso e a inserção no mercado profissional



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

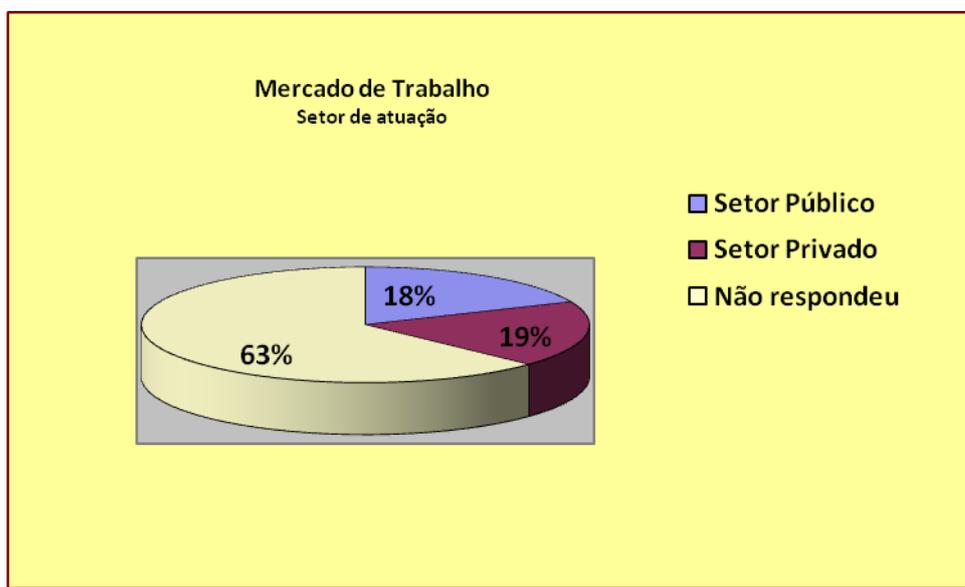
Os dados evidenciam que 19% dos assistentes sociais tiveram contratação imediata (correspondente a 5 egressos); a inserção com menos de 06 meses e de 06 a 12 meses ficou com percentual de 5% e 7% respectivamente; 26% declararam inserção após 01 ano de conclusão do curso.

Relembrando que o total dos egressos não inseridos no mercado de trabalho profissional local é de 64%, é interessante perceber que 44% não responderam a esta questão, talvez em decorrência de estarem inseridos em outra área de trabalho que não a de Serviço Social.

O campo de atuação profissional dos assistentes sociais pesquisados fica aqui demonstrado, através do gráfico 8, abrangendo também uma análise sobre a crise do trabalho para este profissional.

De forma bastante equilibrada, temos 19% da população pesquisada atuando no setor público, e também 19% para os egressos atuando no setor privado. Sendo 64% da população pesquisada declarada como não inserida no mercado de trabalho, fica claro que estes não responderiam a esta questão. É interessante observar também que nenhum egresso declarou inserção no terceiro setor.

Gráfico 8 - Mercado de Trabalho – Setor de atuação



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

Com esta análise, pode-se inferir que a “crise da materialidade” do Serviço Social, tão bem discutida por Serra (2000), não ocorre somente no âmbito do Estado. Certo é que o Estado ainda é o maior empregador de assistentes sociais. Contudo, tem-se vivido crescente redução de postos de trabalho para este profissional. Porém, a não inserção de assistentes sociais no mercado de trabalho local ocorre nas demais esferas.

Especificamente em Manaus, e com base nos estudos de Silva e Vallina (2005: 37), o mercado de trabalho dos assistentes sociais “parece manter, concomitantemente, elementos de continuidade e descontinuidades”, referindo-se ao período da consolidação do mercado de trabalho do assistente social no Brasil, na época da ditadura.

No ano de 2004, os autores acima citados, através de uma pesquisa de campo, buscaram investigar o mercado de trabalho dos assistentes sociais em Manaus, assim como identificar o perfil deste profissional na cidade. Como resultado, os pesquisadores identificaram que dentre os assistentes sociais empregados, a maioria estava alocada em instituições de cunho estadual, perfazendo um total de 53,58%, seguido por instituição municipal com 29,44%, federal com 6,11%, privadas com fins lucrativos 3,98%, de economia mista com 2,64% e ONGs com 1,86%. Os demais se distribuíam em instituições com percentual simbólico⁵⁴

Ressalta-se que mesmo com a reforma do Estado, neste contexto, as instituições do Estado se apresentam ainda como tradicionais empregadores de assistentes sociais, pois, conforme Netto (2009, p.121):

A consolidação do mercado nacional de trabalho para os assistentes sociais, como variável das modificações ocorridas durante o ciclo autocrático burguês, não derivou apenas da reorganização do Estado – que ao que tudo indica, permaneceu e mantém-se ainda hoje o principal empregador desses profissionais.

É interessante observar que o mercado de trabalho também se constitui por outras esferas, quais sejam, as grandes e médias empresas, fora ou não da extensão do Estado. Para além destes setores, o mercado de trabalho teve significativas alterações com a retomada da filantropia através da institucionalização da chamada “filantropia do grande capital”, termo usado por Iamamoto (2008). Neste caso específico, são consideradas as atividades realizadas e projetadas através das ONGs existentes na cidade.

Porém, neste momento, reforço que o quantitativo de ONGs não representa um marco de inserção de assistentes sociais no mercado, nem mesmo as empresas de médio e grande porte, conforme mostram os dados da pesquisa realizada por Silva e Vallina (2004).

Para ilustrar esta afirmativa, apresento o caso da Egressa B1 (2009)⁵⁵, quando informa “*trabalho em uma ONG como assistente de projeto*”. Este depoimento reforça que, além de ser um espaço pequeno para inserção profissional, alguns destes campos ainda aproveitam a especialização do

⁵⁴ De acordo com os autores, “o eixo das instituições empregadoras se deslocou da esfera federal para as esferas estadual e municipal, o que pode ser explicado pelas mudanças das últimas décadas, sobretudo a partir da Constituição de 1988 e das leis que a regulamentaram como, por exemplo, a Lei Orgânica da Saúde (LOS), a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) etc., que propiciaram a descentralização e municipalização das políticas sociais (Silva e Vallina (2004, p. 38).

⁵⁵ Dados colhidos na pesquisa documental.

assistente social, mas não lhe dá a devida valorização. Segundo a egressa, a desvalorização aqui referida reporta-se ao fato de que não há contratação como assistente social e sim como outra função.

É pertinente esclarecer que, na verdade, os outros espaços de trabalho para o assistente social, talvez por não percebê-los como tradicionais, parecem inconstantes e sazonais. Usualmente, uma ONG, por exemplo, surge de uma determinada demanda, porém, quando alcança seu objetivo, deixa de continuar suas ações. De outra forma, mas com comportamento semelhante, percebem-se as empresas com fins lucrativos (refiro-me aqui às de médio e grande porte) que, pelo seu contingente de trabalhadores, contratam assistentes sociais. Mas, em um momento de corte de custos, este profissional é logo considerado dispensável.

Para esclarecer melhor esse ponto, me reporto novamente a Silva e Vallina (2004). As autoras salientam que

“dados específicos sobre a inserção dos assistentes sociais na Zona Franca de Manaus demonstram que a empresa Phillips, por exemplo, empregava na década de 90 cinco assistentes sociais e hoje [2004] não emprega nenhum. Um outro exemplo é o da empresa Gradiente que tinha na mesma década em seus quadros funcionais nove assistentes sociais e hoje só conta com um (p. 39).

No âmbito nacional, esta discussão pode ser evidenciada com a pesquisa realizada pelo CFESS (2004), onde é possível conhecer o perfil do assistente social, abrangendo a sua situação no mercado de trabalho regional no ano de 2004:

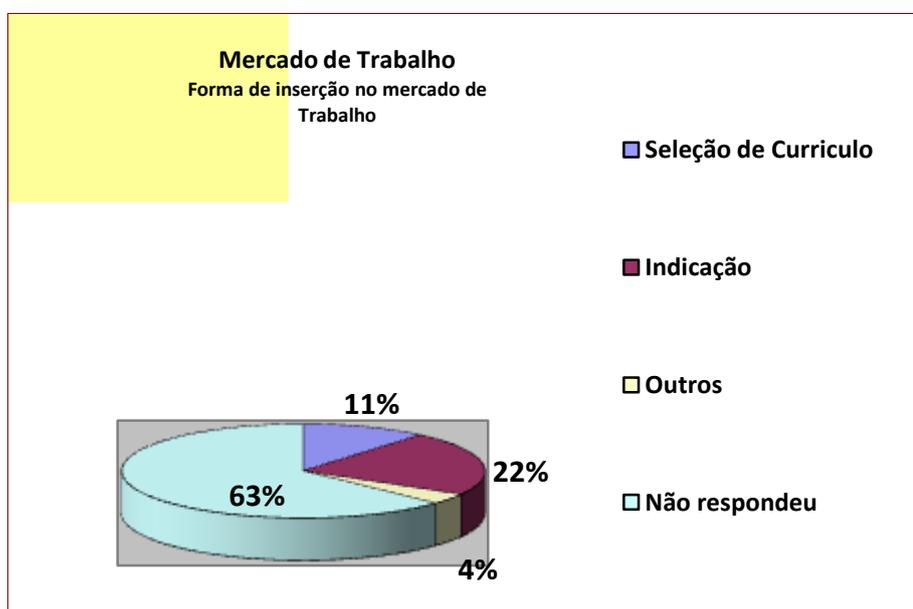
A pesquisa confirma a tendência histórica de inserção do Serviço Social na esfera pública estatal (78,16%, no nível nacional); no nível regional os índices desse indicador são os seguintes: Norte (96,36%), Sudeste (80,33%), Nordeste (75%), Sul (69%), Centro-oeste (66,67%). Desse contexto geral, algumas particularidades podem ser ressaltadas. O gráfico mostra que 40,97% das(os) assistentes sociais estão atuando em instituições públicas municipais, quase o dobro das(os) que atuam nas públicas estaduais (24%). As instituições públicas federais ocupam a terceira posição (13,19%), reafirmando que a descentralização das políticas sociais no Brasil tem transferido a sua execução da esfera federal para a municipal, a partir dos anos 1990 (CFESS, 2004, p.10).

Quanto à inserção dos assistentes sociais nas instituições privadas com fins lucrativos e as do terceiro setor, dentre elas consideradas as entidades filantrópicas, ONGs e outras, a pesquisa nacional evidencia que as empresas privadas empregam assistentes sociais em 13,19%; em relação ao

terceiro setor, 6,81%. Retoma-se aqui a discussão sobre o não crescimento destes setores como mercado de trabalho para os assistentes sociais, mesmo com a reforma e minimização do Estado, a partir das políticas de corte neoliberal adotadas no País.

Reforça esta idéia o fato de haver poucos concursos públicos propiciados pelas esferas Federal, Estadual e Municipal, no município de Manaus. Evidencia-se tal assertiva com base na forma de inserção no mercado informada pela população pesquisada, conforme o próximo gráfico:

Gráfico 9 - Mercado de Trabalho – Forma de inserção no mercado de trabalho



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

De acordo com a pesquisa realizada junto aos egressos do Uninorte, não houve inserção através de concurso público nem efetivação de estágio. Dos pesquisados, 11% declaram que foram selecionados por currículo e 22% foram inseridos por indicação. O restante ficou em 4% para outras opções e 63% não responderam. Não obstante o alto índice de abstenções também neste quesito (devido ao número de profissionais inseridos como assistentes sociais no mercado de trabalho de Manaus) observa-se, na prática, que poucos concursos públicos são realizados. A prática da indicação é responsável pela maioria do preenchimento das vagas, dentre as respostas obtidas. Representa o dobro das vagas preenchidas por análise de currículos.

A precariedade no mundo do trabalho e a insegurança no emprego aparecem nas respostas dos egressos quando foi abordada a forma de inserção do profissional no mercado de trabalho. Dentre os que não atuam no mercado profissional fica claro o conhecimento da realidade evidenciada neste resultado, pois segundo o Egresso F:

Dentro de uma visão voltada para a realidade do dia a dia, eu vejo que o mercado de trabalho está saturado e, ao mesmo tempo, fechado uma vez que as vagas dentro do nosso campo são direcionadas para o profissional que se encontra indicado (Egresso F, Pesquisa de campo, 2010).

E as respostas assim se repetem:

As oportunidades são limitadas por falta de indicação (Egresso I);
A grande demanda profissional é para admitidos por indicação (Egressa J);
Os cargos por indicação - Q.I.(Egressa K)
(Pesquisa de campo, 2010).

Pelo resultado obtido percebe-se que mais da metade da população pesquisada foi inserida no mercado de trabalho através de indicação, sendo esta uma das dificuldades sinalizadas pelos egressos pesquisados para inserção do profissional no mercado de trabalho. Assim,

a falta de oportunidade devido à contratação de pessoas por indicação e ainda ocorre a falta de pessoas sem formação na área de Serviço Social, ocupando o lugar de um profissional qualificado (Egressa C).

Não se pode pensar ser este um caso de nepotismo ou algo parecido, pois muitas vezes são indicados profissionais cujas referências sejam conhecidas, não somente pelo fator pessoal, mas, também, pelo aspecto profissional.

Talvez faltem maior qualificação e empenho do profissional graduado para propiciar sua inserção no mercado de trabalho, é o que revela um dos participantes da pesquisa:

A profissão precisa ser mais importante, principalmente no setor privado, precisa “aparecer” para as empresas e indústrias. Hoje, na capital amazonense, tem mais de 600 indústrias, e menos de 20% delas possuem assistentes sociais na área. Os profissionais que estão em campo precisam ser mais “necessários para as empresas” para que outras criem campo para a atuação do Serviço Social (Egresso T, Pesquisa de campo 2010).

Não obstante revelar a opinião de um profissional da área é preciso cuidado com tais afirmações, uma vez que podem indicar que a simples vontade do trabalhador é suficiente para “abrir” o mercado de trabalho. Mas é interessante sinalizar que uma atuação propositiva, crítica e criativa por parte do profissional há de contribuir de forma efetiva para a valorização da profissão frente os espaços ocupacionais de trabalho.

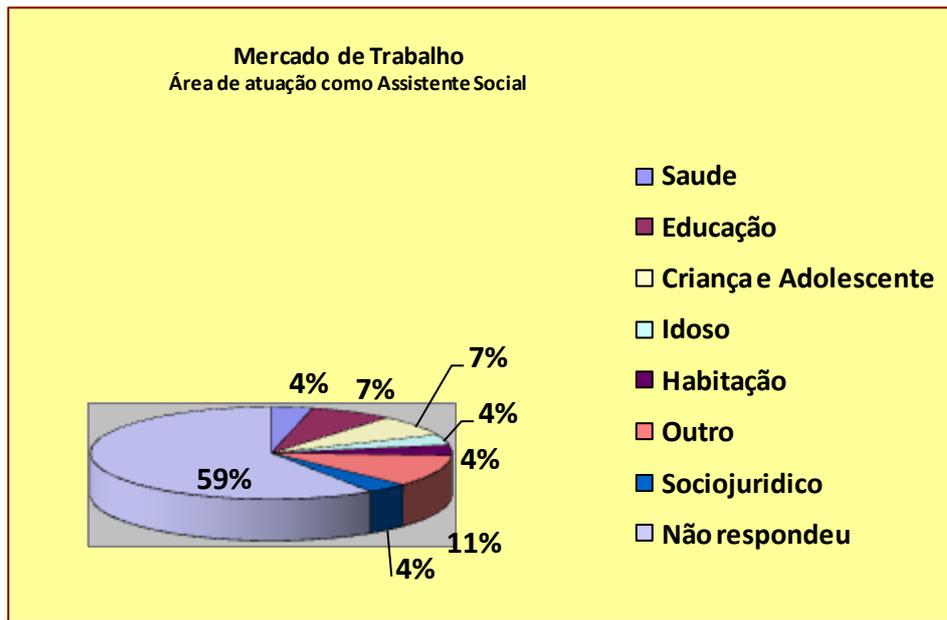
Além destes fatores apresentados pelos egressos, outra preocupação quanto à inserção dos assistentes sociais no mercado de trabalho, especificamente na Região Norte, é a desqualificação que muitas vezes o profissional local sofre, quando as vagas no mercado são preenchidas por profissionais de outras regiões. Vejamos: *Competir com candidatos de outros Estados, pois infelizmente ainda se cultiva a idéia de que esses candidatos são superiores em relação à qualificação profissional*. Esta declaração foi feita pelo Egresso V, quando indagado sobre a sua percepção quanto à dificuldade de inserção do assistente social no mercado local de trabalho.

Reitero, neste ponto, a discussão sobre a crise do trabalho e seus impactos sobre o mercado de trabalho do assistente social em Manaus, fazendo uma abordagem sobre as áreas de atuação profissional. Em geral, as áreas da saúde e da assistência são as mais tradicionais, seguidas por criança e adolescente, idoso, previdência e outras. Porém, áreas não tão tradicionais como educação estão bem a nossa frente e não nos damos conta.

Podemos exemplificar esta situação pelo quantitativo de Instituições de Ensino Superior que oferecem o curso de Serviço Social no local pesquisado frente a percepção de que o profissional não busca a qualificação necessária para a inserção neste espaço ocupacional de trabalho de suma importância para o assistente social. A demanda pelo curso e a expansão de espaço educacional reforça a necessidade de profissionais preparados e qualificados para a docência, porém percebe-se a dificuldade que as Instituições de Ensino Superior sofrem para o preenchimento do seu quadro docente com profissionais que atendam os requisitos de titulação, exigido pelo Ministério da Educação.

O gráfico 10 demonstra a assertiva:

Gráfico 10 - Mercado de Trabalho – Área de atuação como Assistente Social



Fonte: Pesquisa de campo 2010.

Ressalta-se que dentre estes dados, não foi percebido atuação na área da assistência e nem meio ambiente. Dos que declaram que a sua atuação é outro campo, foram informados os seguintes: classe trabalhadora no setor privado; construção civil e coordenação de projetos.

Frente ao questionamento sobre sua percepção para a maior dificuldade de ingresso no mercado profissional de trabalho em Manaus, os egressos trouxeram contribuições valiosas, sobre as quais podemos refletir, conforme se vê abaixo:

Dentro de uma visão voltada para a realidade do dia a dia, eu vejo que o mercado de trabalho está saturado e, ao mesmo tempo, fechado, uma vez que as vagas dentro do nosso campo são direcionadas para o profissional que se encontra “indicado” (Egresso C).

Além de refletir sobre a saturação do mercado de trabalho, o egresso nos apresenta uma segunda preocupação frente ao que já discutimos anteriormente com a “polêmica” expressão “indicação”, tanto que as falas se repetem:

O mercado de trabalho é mínimo e infelizmente as vagas estão sendo preenchidas não pela competência e sim por “Q.I” e outros (Egresso G).

Uma das maiores dificuldades para ingresso no mercado de trabalho é a falta de profissionalismo de alguns profissionais que mesmo sem uma boa formação está inserido no mercado através de “favores” (Egresso H).

Dentre os vários elementos que se depreendem das respostas ou “silêncios” dos egressos, chamam a atenção as várias referências feitas às “indicações”. Muitas vagas são preenchidas por indicação - a prática do “QI” (quem indica). Para se “beneficiar” de uma indicação, é necessário que o profissional mantenha uma rede de relacionamento ampla e atualizada. “É a partir dela que as oportunidades surgem” (Egresso G).

A indicação é apontada como importante em boa parte dos processos seletivos. Contudo, os “apadrinhados” precisam se esforçar e “honrar a indicação e se esforçar para se integrar com os colegas” (idem).

Por outro lado, o cuidado também deve existir por quem faz a indicação. “O profissional que indica acaba se responsabilizando pela competência do outro”, é o que afirma uma consultora da DBM Consultoria, empresa especializada em processos seletivos de recursos humanos⁵⁶.

A indicação é usada em muitas empresas como um mecanismo auxiliar ao recrutamento tradicional. Observa-se, pelas respostas dos egressos, que um candidato a uma vaga de emprego, com indicação, tem muito mais chances do que aquele que simplesmente enviou o currículo sem referência nenhuma. É o que se costuma denominar “indicação por networking” no jargão dos especialistas em recursos humanos. Constata-se, assim, que as redes de contatos não apenas facilitam a entrada do profissional no mercado de trabalho, como às vezes são determinantes para tanto. Tal fato contribui ainda mais para as relações precárias que se estabelecem no mundo do trabalho, nos dias atuais, quando as indicações são até estimuladas. Neste cenário, quem não tem apadrinhamento...

Um dado de análise também importante, principalmente na dinâmica societária atual frente às mudanças no mundo do trabalho, se refere a uma postura autoavaliativa dos egressos frente a sua percepção sobre a atuação profissional na área de Serviço Social frente às mudanças e ameaças no mundo do trabalho contemporâneo. Assim, foram obtidas algumas reflexões, conforme abaixo:

As mudanças no mundo do trabalho nos levam a ficarmos preocupados e ao mesmo tempo em estado de alerta, pois é claro que a qualquer momento

⁵⁶ “Indicações ajudam na busca por emprego, mas não são carta branca”. Matéria publicada em <http://economia.ig.com.br/carreiras/indicacoes.html>. Acesso em 11/02/2011.

estamos sujeitos às mudanças, seja em qual área for, não sendo diferente na docência, onde o número de profissionais do curso de Serviço Social se destaca cada vez mais, vista a concorrência hoje vivida (Egressa F).

De acordo com a egressa, já sinaliza a docência como possível campo de trabalho para o assistente social e, principalmente, pelo fator de qualificação como ponto de destaque frente à concorrência no mercado de trabalho atual, que já foi abordado anteriormente. No item que qualificação, outra egressa nos remete a refletir novamente sobre o constante processo de aprimoramento profissional:

Vejo a necessidade de me preparar ainda mais. Atualmente é necessário ter algo a mais, é o que vai fazer a diferença, estou terminando a especialização e já penso no mestrado, para quem sabe ter uma oportunidade (Egressa U).

Diante dessa discussão, uma resposta me chamou a atenção e merece atenção, pois, segundo a egressa,

a profissão está saturada, a cada dia é mais difícil entrar no mercado e quando se consegue uma oportunidade às vezes é preciso caminhar “conforme as regras” da instituição (Egressa G).

Neste comentário, vale a pena termos o aporte de Sousa (1995), Faleiros (2008) e Serra (1982) sobre a análise da prática profissional institucionalizada⁵⁷, onde o assistente social assume um “poder ideológico institucional” como seu e reflete na sua atuação apenas uma atitude mecanicista, acrítica da realidade e com perda de sua identidade profissional. Na verdade, parece faltar à egressa perceber que não é a profissão que está saturada, mas que vivemos em época de transição e grande dinamismo social. As oportunidades aparecem, mas será que o profissional está preparado para assumir os desafios proposto pelo mercado de trabalho atual? Ou será mais fácil ser um profissional que “caminha conforme as regras da instituição”, por não buscar desenvolver suas competências e habilidades de forma a fazer o diferencial e arriscar ser um profissional propositivo?

Aproveito a declaração abaixo para melhor apresentar esta situação:

Hoje, o profissional precisa criar estratégias para a funcionalidade do serviço social, onde quer que esteja. O Serviço Social será importante quando os profissionais assim o fizerem. Geralmente, trabalha-se em equipe de profissionais, aqui falo só de assistentes sociais, nem todos são

⁵⁷ Em suas obras, cada um destes autores, discute sobre a prática profissional institucionalizada, o saber profissional e o poder institucional.

comprometidos em efetivar mudanças para o melhoramento da profissão. Acredito que devemos usar técnicas, teorias e criatividade (Egressa T).

Penso que o fator primordial desta colocação e reflexão pode se embasar no processo formação. Infelizmente, o que se percebe diante das exigências do mercado de trabalho é a busca constante pelo certificado de um curso de ensino superior. Esta situação pode ser evidenciada pela crescente demanda por cursos de ensino superior. O comprometimento com a profissão e, antes disso, o processo para obtenção de conhecimento, fica em segundo plano. Porém, se o comprometimento com a profissão tiver início durante o processo de formação, a situação fica mais fácil. Vejamos o que traz a egressa “S”:

Sinto-me preparada dentro da área, pois tive uma experiência tanto teórica como prática dentro do campo de estágio e hoje no profissional (Egressa S).

Como pode o profissional de Serviço Social buscar um posicionamento crítico, criativo e propositivo se este não teve os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos norteadores de sua ação?

Enfim, no contexto das mudanças no mundo do trabalho e a preocupação com a inserção do assistente social no mercado de trabalho, aqui analisado, especificamente no que se refere à localidade de Manaus/AM, reporto-me a Lewgoy (2009) para contribuir com esta reflexão. Diante do quadro crescente de privatizações do ensino superior, onde os projetos de pesquisa e extensão são poucos valorizados percebe-se “as formas reificadas que transformam o processo educacional em mera mercadoria”.

Pensar o processo de formação profissional hoje implica pensar em um processo continuado de qualificação, saindo de dentro dos muros da universidade para abranger a sociedade como um todo. Por seu uma profissão de cunho investigativo, a realização da pesquisa no cotidiano do assistente social é um fator de suma importância para a perspectiva seguinte que é a intervenção. Como intervir em uma realidade que não conhecemos?